

A AFETIVIDADE ENTRE IDOSOS QUE FREQUENTAM A UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE

Miguel Arturo Chamorro Vergara¹

Resumo. As sociabilidades emergentes na velhice contemporânea demandam uma atenção especial em torno dos significados e conotações afetivas na vida social da pessoa idosa. A dimensão afetiva se configura na convergência das experiências de vida acumuladas e nas vivências atuais, especialmente naquelas intrageracionais, construídas e partilhadas na convivência em atividades acadêmicas desenvolvidas na Universidade Aberta à Terceira Idade da Uesc.

Palavras-chave: Sociabilidade. Vida afetiva. Intrageracionalidade.

THE AFFECTIVITY AMONG ELDERLY ATTENDING THE UNIVERSITY OPEN TO SENIORS

Abstract. Emerging contemporary sociability in old age require special attention around the affective connotations and meanings in social life of the elderly. The affective dimension is represented as the convergence of accumulated life experiences and current experiences, especially those intragenerational, built in coexistence and shared in academic activities at the Open University of the Third Age of the Uesc.

¹ Professor Assistente. Pesquisador do DFCH, membro do Núcleo de Estudos do Envelhecimento (Uesc). *E-mail:* <mikevergara@hotmail.com>.

Keywords: Sociability. Affective life. Intrageneracionalidade.

LA AFECTIVIDAD ENTRE ANCIANOS QUE FREQUENTAN LA UNIVERSIDAD DE LA TERCERA EDAD

Resumén: Las sociabilidades emergentes en la vejez contemporánea demandan una atención especial debido a los significados y connotaciones afectivas de la vida social de la persona que envejece. La dimensión afectiva configura una convergencia de las experiencias de vida acumuladas y en las vivencias actuales, especialmente aquellas intrageneracionales construidas e compartidas en las actividades académicas desarrolladas en la Universidad Abierta de la Tercera Edad.

Palabras-clave: Sociabilidade. Vida afetiva. Intrageneracionalidade.

1 INTRODUÇÃO

Entre as problemáticas do envelhecimento, a questão da afetividade ocupa um espaço significativo nas sociabilidades exercidas pelo idoso, seja pela busca de agregação de vínculos, seja pelas necessidades de perceber os enfoques e as posturas frente às questões impostas à velhice contemporânea, seja porque trará novos olhares para pensar a própria velhice.

Nessa perspectiva, a vivência do “idoso na Universidade” estimula o exame dos efeitos e descobertas de novos significados para essa velhice, que passa a ocupar espaços nunca antes por ela ocupados (ou até visitados), e a importar-se e ocupar-se com a própria auto-

nomia para continuar interagindo. Isto demanda uma maior consciência em torno da apropriação dos espaços e das novas visibilidades que essa vivência promove.

Animadas a reconhecer o valor desse protagonismo, as universidades desenvolvem programas voltados para esse segmento da população, procurando ampliar espaços para novas sociabilidades, tanto de pertencimento ao ambiente acadêmico quanto de envolvimento com diferentes grupos e gerações, situação que leva a pessoa idosa a refletir sobre a importância e o sentido da vivência em grupo, numa experiência de socialização que transcende o isolamento e a intolerância em torno das diferenças culturais e da desigualdade social que afeta cada um deles.

Além disso, os espaços universitários dedicados aos idosos conduzem um olhar para as demandas afetivas da velhice, promovendo um campo reflexivo novo para a compreensão do curso de vida desse fenômeno social que é a longevidade humana, motivado por um imaginário de velhice que leva em conta os efeitos vigorosos de ser ativo, de interagir com o entorno e, ao mesmo tempo, pertencer a uma sociedade que, segmentada, também exclui.

O relevante, nesse sentido, é perceber como a função afetiva exercida pelo [e no] grupo vinculado a programas acadêmicos racionaliza a sua condição de existência, transcendendo a experiência educativa das atividades em sala de aula, e buscando novos entendimentos sobre as mudanças na sociedade, nas famílias e em outras instituições como uma forma de permanecer e ser reconhecido no contexto.

2 A SOCIABILIDADE AFETIVA: O “ESTAR JUNTO”

Pode-se começar ponderando as tipologias das ambiências de sociabilidades humanas onde o afeto e as emoções se fazem presentes, convergindo para uma multiplicidade de situações sociais. A compreensão em torno dessa realidade social múltipla, plural, está em perceber/salientar as ações sociais concretas dos indivíduos e a riqueza de suas significações.

O sociólogo Gurvich (1941) mostrou que quando as consciências têm necessidade de união prévia é porque existem desejos individuais que podem se expressar mais espontaneamente no coletivo. Essa consciência coletiva, segundo este autor, provém de um pluralismo social estimulado por símbolos, ideias e valores que o psiquismo humano lê, atribui e revela na sociabilidade, portanto, não individualmente, mas em grupo.

Pensando na convergência dessas expressões individuais que carregam o pluralismo da realidade social (símbolos, ideias e valores), o grupo acaba gerando um fenômeno crescente de convivência, que se vincula diretamente a elementos emocionais, de interioridade e intimidade dos seus membros (GURVICH, 1941), fortalecendo-os individualmente e fortalecendo o próprio grupo, portanto, o coletivo.

Conforme os estudos de Goleman (1995), é a força interior que satisfaz a vida humana, porque os sentimentos e anseios são essenciais para o espírito, sobretudo em situações de solidão e nos diversos desafios enfrentados no cotidiano. Para esse autor, as emoções desempenham funções concretas e prepa-

ram o corpo para diferentes respostas: para a raiva, o medo, a felicidade, o amor, sentimentos de afeição, surpresa, tristeza.

Quanto mais intenso é o sentimento, mais a mente procura equilíbrio e orientação no mundo ao seu redor. Esta é a razão pela qual o valor e a intensidade das emoções devem ser incorporados no âmbito analítico e vistos como uma teia de sentimentos vindos da interação entre os indivíduos. A Sociologia, estimulada pelos significados das sociabilidades, se preocupa com os aspectos qualitativos dessas relações, apesar de teorias gerais, como a de Durkheim (1970), perceberem as sociabilidades individuais como uma força da vida social.

Maffesoli (1997) chama a atenção para o fenômeno afetivo da sociabilidade contemporânea, tratando-o como uma vivência sensível, produto da complexidade do mundo pós-moderno. A sociabilidade, quando nasce com a carga de afeto que lhe é inerente, transcende outros interesses, como econômicos e políticos, por exemplo.

Portanto, é necessário repensar as lógicas que marcaram a modernidade, em que emoções, afetos e paixões não constavam enquanto elementos de base dos acontecimentos do cotidiano. Hoje, no entanto, na emergência das subjetividades, e ante o desamparo humano, a solidão e a homogeneização dominante e complexa da vida, elas ocupam um espaço preponderante.

Para Maffesoli (1987), vivenciamos uma dimensão imaterial que toma conta das interações dos indivíduos, como o desejo do “cuidado de si” e do culto ao

corpo, provocando um contágio emocional que se impõe à razão. Nas palavras desse autor (1987, p. 144)

[...] Com certeza, a procura do que funda, seja qual for a agregação social, leva sempre ao encontro da partilha das idéias comuns, de sentimentos coletivos ou outras imagens emblemáticas, cuja estrutura de base constitui uma ambiência matricial e assegura o enraizamento dinâmico da sociedade em questão.

Portanto, é relevante interpretar este sentido que dá ênfase a outras dimensões comunitárias da vida social contemporânea, como agregar-se e integrar-se nela. Para Maffesoli, a vivência integrada às paixões, emoções e afetos constitui, de fato, o elemento-base dos acontecimentos cotidianos, transformando-os em instantes eternos; compreensão traduzida na frase "[...] procurar a vida onde ela está [...]" (MAFESSOLI, 1987, p. 181).

Por isso, a vivência passa a ser um arquétipo essencial em torno do qual se estrutura a sociabilidade. Ela é, sem dúvida, uma boa maneira de reconhecer os elementos subjetivos como parte integrante das histórias humanas, unindo os opostos e o sensível com o inteligível.

A sociabilidade, movida pelos afetos, exerce uma multiplicidade de significações, onde é preciso sensibilidade para explorar as intimidades das ações sociais. Estabelecer uma perspectiva holística, como já propôs Durkheim, valendo-se do uso de conceitos ou

metáforas que permitem sentir a vida e os fatos, em todas as suas concretudes, é tratar de receber a vida humana em lugar de reduzi-la.

Centrada nesta perspectiva, as formas de sociabilidade, “de estar junto”², levam-nos a repensar a coesão grupal fora das grandes categorias que marcaram a modernidade, como forma de abordagem do cotidiano social (MAFFESOLI, 2001). Isto é, repensando a sociabilidade construída a partir das emoções e do desejo de “estar juntos”, é possível colocar em prática uma hermenêutica existencial capaz de perceber as contradições da vida humana humana individual, que converge para configurar o coletivo.

Simmel (1987) usa a expressão *sociação*, para ele uma forma pura de interação, sem um fim nelas mesmas. Seria a interação da ordem do estar juntos, da manutenção das relações sociais, desvestida de interesses políticos e econômicos. Trata-se de noção próxima à afetual e à sociabilidade propostas por Maffesoli na pós-modernidade, nos modos de viver as mudanças de valores.

Na visão de Schultz (1979), quando o sujeito apreende e se socializa, ele o faz através de suas experiências dentro de um mesmo ambiente e com outros sujeitos. Esta situação confere ao ser humano um estoque de conhecimentos, constituído através de significados, a partir da intersubjetividade na vida diária,

2 É a dimensão de sociabilidades de agregação e integração entre idosos e velhices, seja por iniciativa de convocação externa vinda do programa universitário ou por estes mesmos sujeitos que se auto-convocam uns aos outros para realizarem atividades conjuntamente.

que faz com que o indivíduo dê sentido ao mundo que o rodeia. É no cotidiano, na sua dinâmica, na sua polissemia, na sua pluralidade, na sua contraditoriedade, nas suas redundâncias, que deve ser apreendida a sociabilidade.

3 A SOCIAÇÃO DA VELHICE EM AMBIENTE ACADÊMICO

Pesquisadores como Debert (1999), Cabral (2001), D'Alencar (2013), dentre outros, percebem a sociabilidade como assunto presente nas interações dos idosos em grupos organizados de convivências variadas, marcadamente por processos de agregação social, ressaltando aspectos significativos da solidariedade, das relações de gênero, do curso de vida e das mudanças na sociedade contemporânea.

No entanto, a experiência de envelhecer, conforme D'Alencar (2013), marcada por significativas mudanças culturais, é também geradora de insegurança, devido a comportamentos negativos contra a velhice. Um dos aspectos ressaltado pela autora é a quebra dos laços sociais, provocada por mudanças significativas da dinâmica com que a sociedade se estrutura, em que a exclusão do idoso se torna cada vez mais visível e palpável, desconhecendo-se os direitos e a visibilidade do mesmo quanto à cidadania, além de uma sociedade despreparada para o envelhecimento, ante o desafio da qualidade e compreensão dessa realidade social.

No contexto da universidade, o perfil do idoso integrante do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade é formado por diversas categorias sociocul-

turais, como viúvos, aposentados, separados, avós, solteiros, casados, afrodescendentes, indígenas, católicos, evangélicos, espíritas, além de faixas etárias diversas. Apesar dessa pluralidade, a maioria dos participantes é de mulheres, e eles se mantêm com plena capacidade funcional e mobilidade. Ainda que carreguem alguma patologia, isto não os impede de se enxergarem como idosos ativos, dinâmicos, interativos, contra o sedentarismo promovido pela ideologia da sociedade, que busca domesticar a capacidade desse segmento social.

A faculdade de se mobilizar, em busca da sobrevivência, da luta legítima pelo prolongamento da vida contra as limitações e a finitude que os cercam, é legítima. Os significados em torno das ambiências familiares dessas diferentes velhices registram as relações afetivas com parentes, o que estabelece a dinâmica e a qualidade da atenção demandada por essa velhice. Por certo, o afeto familiar para cada idoso pode ser elemento polarizador de tensão ou de autonomia e bem-estar.

Apesar das famílias desses idosos estarem “*cientes*” da presença deles no ambiente acadêmico, e embora esse tempo na universidade represente uma vivência de liberdade e disposição para participar de atividades no programa de extensão, que abre espaço para a sociabilidade e construção de amizades e parcerias, nem sempre as famílias aceitam essas ausências de modo tranquilo. Daí ser necessário o uso de algumas estratégias negociadoras, com a família, para a manutenção desse espaço de “liberdade” para estar com seus pares, para um tempo de atividades

corporais, musicais, de passeios, festas, excursões, e formação para o curso da vida. Existe, portanto, uma conquista pessoal, e também coletiva, em prol da sociabilidade que será revertida positivamente para os diferentes papéis sociais que desempenham esses idosos, tais como avós, pais, mães, sogras, noras, no ambiente doméstico.

Além das responsabilidades como cuidadores de netos, serviços domésticos, motoristas de netos, dentre outras, esses idosos, na sua maioria aposentados, contribuem com o sustento da estrutura econômica da família, situação que não os aflige, apesar de perderem a liberdade de frequentar as atividades da universidade, quando a família aparece em primeiro lugar. Apesar disso e dos questionamentos dos familiares a respeito do tempo no espaço doméstico e dedicação aos afetos dos netos e filhos, no sentido profundo da manutenção de uma família, eles arranjam uma forma de estar presentes pelo menos em algumas atividades, conforme os depoimentos a seguir:

- *Ah, para ir à universidade tenho que tomar conta do neto; é minha obrigação com ele e com minha filha...; não posso largar assim esse compromisso (D, 63 anos).*
- *As vezes não venho porque tenho que passar o dinheiro que era do transporte para a comida de filhos, pois a família só sobrevive com minha aposentadoria (C, 67 anos).*

- *Aqui venho porque tenho conhecidas antigas e minha família, graças a Deus, confia em mim nessa idade que eu estou (R, 71 anos).*

As relações familiares, para esses idosos, representam também uma deterioração anímica decorrente dos conflitos. T, 65 anos, comenta que

- *Em casa são muitos os problemas para vir na universidade; desde a separação do meu marido essa família não se conserta, eu nunca vi ter filhos de inimigo meu... vou fazer o que...; só esperar que Deus me proteja...; é difícil, dói muito.*

Na fala dessa idosa, o sair de casa, encontrar-se com seus pares, desenvolver habilidades, significa “ocupar-se” e esquecer, para compensar o sofrimento familiar. Já na visão de J., 53 anos, significa ter medo de ficar muito tempo no programa da universidade, pois isso,

- ter que vir e fazer as coisas com o grupo, vai tomar o tempo da minha família que precisa de mim; nos momentos de aperto, isso não vai dar certo.

Essa dialética significativa da vivência familiar é dinâmica, tanto que a participação no programa é relativa; mesmo assim, participar traduz desprendimento

individual. O estar junto a seus colegas torna as atividades lúdicas, recreativas e de conhecimento, estimulantes, garantindo a permanência, se não durante todos os dias da semana, pelo menos em alguns deles, gerando um processo de partilha e identificação de pertença ao grupo de convivência. O relevante desses momentos, ainda que momentâneos, mas duradouros afetivamente, é sua dimensão figurativa imaginária que parece não ter limites para o idoso, ante as exigências do estar presente nas atividades, desafiando inclusive o autocuidado para aqueles que sofrem de problemas corporais, ou alguma doença que precise de atendimentos especiais ou de quem se exige afazeres domésticos ou cuidados familiares.

Pode-se dizer que, para os idosos participantes do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade da Uesc, a família consanguínea representa figura dispersa, embora afetiva na maioria das experiências, garantida pelos sentimentos de filhos ou netos que decidem acompanhá-los em algumas situações. Se por um lado esses familiares são verdadeiros aliados dessa velhice, com quem podem negociar afetivamente a liberdade, de outro a companhia dos idosos entre si colabora na negociação das solidões, das ausências dos entes queridos, certamente compensadas com as afetividades compartilhadas no espaço da universidade.

Nesse contexto, as relações familiares, apesar de diferenciadas, têm o desafio de ensinar a convivência com os dramas humanos em termos de perdas e ausências, fazendo com que tenham sensibilidade para o que podem buscar no espaço educacional, além do conhecimento. Esses programas ainda

não usaram os familiares dos idosos para trabalhar o diálogo franco e aberto em relação aos dramas e conflitos vividos no cotidiano.

Essa tendência de aproximação das experiências dos adultos maduros no espaço acadêmico, majoritariamente de domínio da juventude, pode gerar uma força sobre os comportamentos emocionais em relação ao futuro da velhice, considerando o crescimento da população idosa e as inúmeras possibilidades de compartilhamento do espaço, intra e inter gerações.

Na verdade, o que está ocorrendo é que o ambiente acadêmico se transforma em espaço imaginário, onde as vivências da velhice são expostas coletivamente num complexo de subjetividades convergentes. Isso porque os diferentes idosos, com suas trajetórias de vidas e múltiplas experiências, desejam se reunir por vontade própria para criar afinidades e vivenciar a velhice a partir de outras identidades e perspectivas.

Apesar desses programas de extensão serem configurados para conscientizar os idosos a produzirem opiniões e posturas de uma velhice ativa e sadia, nem sempre estão atentos aos efeitos da ideologia da negação da velhice, que penetra no imaginário da eterna juventude, onde não é possível aceitar doenças, tampouco reivindicar direitos numa sociedade que os discrimina, o que se torna tensional e contraditório. Essa figuração emocional esconde, de fato, o isolamento da ambiência familiar, a ausência do Estado e o despreparo para conviver com os dramas da velhice.

Na narrativa dos idosos, estes dizem se sentir bem em aspectos como saúde, amizades e solidão. Um

conjunto de valores se fazem evidentes ante seus pares: M, aos 72 anos, percebe que o programa dá direito de participar: [...] *you can expose, talk about you for others* [...]. Essa dimensão contempla um sentimento de inclusão de quem sabe que está excluído pelo fato de ser velho. Para S, 73 anos, suas colegas são sua admiração: [...] *i love them and they love me; i am full of life here, i attend my meetings, they all treat me very well* [...].

Essa agregação de vivências estimula a experiência de falas e escutas, uns em relação aos outros, enriquecendo as sensibilidades e óticas sobre as vivências de cada um. Talvez seja essa aglutinação de emoções o que procuram nesse percurso de falas e de afetos, como uma forma de por em evidência as características das novas formas de interação humanas. Ou seja, esse fenômeno da agregação de subjetividades diversas pode desencadear um processo de integração afetiva, a ponto de compartilharem a ausência de um colega, conforme expressa N, 64 anos, que diz:

- *Aqui, na convivência do grupo da universidade, existe um sentimento quando alguém falta às atividades, seja por que está doente, porque é diferente; ... os colegas precisam trazer notícia do colega ausente; quando alguém faleceu aqui, sempre deixou suas marcas* [...].

Essa convivência e compartilhamento, que demarca o “nós”, é a liberdade de usar o espaço pú-

blico que, como afirmam as mulheres participantes,

[...] conseguem e trabalham para tirar aquelas idosas que tinham marido e viviam enclausuradas....Hoje são pessoas que entram em qualquer lugar, sabem se distrair, passear e aprender [...] (S, 64 anos).

Ante os problemas da velhice, a convivência conforta, porque tem vínculo sólido eficaz de pertença e reconhecimento mútuo. Essa convivência vem instituindo o sentido de viver, o sentido da sociabilidade. As idosas curtem esses momentos que o espaço acadêmico promove, ganhando visibilidade que, muitas vezes, a sociedade não reconhece. A capacidade das idosas de se apropriar do processo de aprendizagem e as atividades oferecidas é notória. Trata-se de uma forma de ligar-se à vida, para sanar ou minimizar parte dos seus problemas de maneira compartilhada.

Poder pensar o processo de construção da sociabilidade enquanto fenômeno tem como base uma imagem original de junção com o processo de agregação humana, a ideia de estar juntos, pertencer a um grupo, unir-se por interesses semelhantes. Percebe-se que isso acontece com a velhice “acolhida”, seja em universidades, em grupos de convivência ou grupos religiosos. Sem dúvida, nessas velhices há uma capacidade maior de discernir o sentimento que se transforma em força e que fascina o inconsciente. Daí, o significado profundo da vida. Na velhice, se há declínio biológico, este é compensado por

um grau muito maior de conhecimentos e experiências adquiridas, e na vida contemporânea esses sentimentos conferem ao idoso um conteúdo específico para a consciência de seu ser.

A vida humana é hoje bastante enriquecida, tanto em sonhos como também em frustrações. No entanto, o poder de animar todas as suas etapas é um potencial de cada ser humano. A cada um vai caber a opção entre o fracasso e o sonho; entre ficar repetindo o passado, perdendo-se em lembranças, ou redescobrir o processo existencial de uma forma positiva.

Diante dessa compreensão, a velhice possui sua própria luminosidade, e esta os ajuda a sonhar e organizar esses sonhos, a driblar a solidão com a busca por companhias. Os idosos que frequentam as atividades da Universidade Aberta redescobrem o uso de suas condições de comunicação e capacidade de diálogos, para atividades não meramente racionais do processo da aprendizagem; ao contrário, também alcançam a atividade espiritual e transcendem.

Apesar de fecundo para trocas de saberes e de construção coletiva de conhecimentos a respeito das experiências de vida, o olhar gerontológico ainda precisa penetrar nessa realidade de interrelação carregada de emotividades e dilemas da velhice que é o Programa de Universidade Aberta à Terceira Idade, a partir das vivências que cada idoso expressa.

CONSIDERAÇÕES

No decorrer do texto, destacamos como o afeto impulsiona o fenômeno da sociabilidade, ao mesmo tempo em que traz respostas ao processo da velhice em ambiente acadêmico e seus projetos de curso de vida, traçando as trilhas de significados para outras convivências na vida social, sobretudo os referentes à autoestima, que os ajuda na busca pela aceitação por parte da sociedade que os discrimina e exclui.

A partir disso, é necessário que se desmistifique a visibilidade alcançada pelos idosos no ambiente acadêmico, normalmente atribuída a profissionais dedicados a essa área, sem levar em conta a força da própria vivência intersubjetiva, que interfere nos mais diversos planos desse cotidiano.

Por isso, Goleman considera as emoções ligadas ao impulso de uma ação imediata, como é viver a vida, uma função existencial. Nesse sentido, as respostas coletivas do grupo, usando a inteligência emocional, são fundamentais para a sobrevivência, porque atenuam as pressões, os conflitos e perigos da vida enfrentados por esses idosos.

O ambiente acadêmico representa um espaço de grande alternativa de mudanças das velhices, motivando a atual sociedade para a busca de uma velhice mais longa e saudável, em que os idosos são estimulados a se sentir confiantes e autônomos, a ocupar-se, a manter múltiplas atividades, com um corpo disposto e uma mentalidade renovada.

Esses programas acadêmicos voltados para a população idosa talvez possam explorar esses espaços de subjetividades a partir das emoções e dos senti-

mentos, para trabalhar os focos de atenção às solidões da velhice, como as perdas por mortes, separações e conflitos com parentes, além do próprio futuro da velhice, quando está próxima a morte.

REFERÊNCIAS

BACHELAR, G. **O direito de sonhar**. 3. ed. Rio Janeiro: Bertrand, 1991.

_____. **O ar e os sonhos**. São Paulo, Martins Fontes: 1990.

CABRAL, B. E. da S. L. Solidariedade intergeracional: uma experiência dos grupos de convivência de idosos. **Revista Especiaria**, Ilhéus, ano 4, n. 7, p. 25-44, jan.-jun. 2001.

DURKHEIM, E. **Sociologia e Filosofia**. São Paulo: Forense, 1970.

D'ALENCAR, R. S. Envelhecimento ativo e vida social precária - exclusão ou paradoxo do nosso tempo? In: CURY, Mauro; OLIVEIRA, Rita de Cássia da S.; COENGA (org.). **As interfaces da velhice na pós-modernidade: avanços e desafios na qualidade de vida**. Cascavel: Edunioeste, 2013.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GURVITCH, G. **Las formas de la sociabilidad**. Ensayos de Sociología. Traducción Francisco Ayala. Buenos Aires: **Editorial Losada**, 1941.

LIMA SILVA, N. Mitos e verdades dos chás caseiros no imaginário social. In: _____. (org.). **Gerontologia Social**. Aracaju: J. Andrade, 2005.

MAFESSOLI, M. **A transfiguração do político**. Tradução... Rio de Janeiro: Sulina, 1997.

MAFESSOLI, M. **Elogio da razão sensível**. 2. ed.
Rio Janeiro: Vozes, 2001.

SIMMEL, G. **Philosophy of money**. Londres:
Routledge, 1990.

_____. **El individuo y la libertad**. Barcelona:
Península, 1986.

SCHUTZ, A. O mundo das relações sociais. In:
WAGNER, Helmut R. (org.). **Fenomenologia e
relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Recebido em maio 2013.

Reavaliado em nov. 2013 e em ago. 2014.

Aprovado em ago. 2014.